



Recortes de Imprensa

Março 2011

apoio:





PETIÇÃO

Acabar com o tráfico sexual

EXPLORAÇÃO Mais de 31 assinaturas, recolhidas pela APAV, vão ser entregues no Parlamento para combate ao tráfico de menores

A Associação de Apoio à Vítima entrega terça-feira, na Assembleia da República, uma petição com mais de 31 mil assinaturas para acabar com o tráfico sexual de menores, um crime que afecta 1,2 milhões de crianças no mundo

A petição insere-se numa campanha internacional – Campanha Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens – da Body Shop nos vários países do mundo onde está presente, em parceria com organizações não governamentais, que no caso de Portugal é a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Segundo João Lázaro (na foto), director executivo da APAV, esta petição tem dois

grandes objectivos, um dos quais é “contribuir para uma maior consciencialização e consciência pública de um fenómeno que existe e que é um fenómeno escondido”.

“Já existe trabalho feito na área do tráfico de seres humanos, mas a especificidade das crianças e jovens traficadas para fins de exploração sexual é uma área ainda a trabalhar, quer em termos de investigação quer na prevenção e sensibilização”. Por isso, este “esforço” e esta campanha, para contribuir para a sensibilização pública e dos decisores para a existência deste fenómeno”.

O outro objectivo é o “pedido muito específico”, dirigido à AR, de que Portugal acabe por ratificar a convenção do Conselho da Europa contra a exploração sexual e o abuso sexual de crianças.

A dimensão deste fenómeno não é totalmente conhecida, mas “as Nações Unidas

estimam que 1,2 milhões de crianças e jovens sejam traficados para fins de exploração e abusos sexuais, disse João Lázaro. O gabinete das Nações Unidas estima ainda que o tráfico humano seja o terceiro maior crime a nível internacional.

Entre os outros passos a serem dados por Portugal, previstos na petição estão a realização de estudos respeitantes a crianças traficadas, medidas concretas para reduzir a vulnerabilidade das crianças face a este crime e urgência na realização de acções de sensibilização a fim de reduzir a procura de vítimas. A petição advoga também o reforço da identificação e protecção das crianças vítimas de tráfico, durante todo o processo judicial, sendo-lhes garantidos especial amparo e segurança.

A Campanha Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens é apoiada por celebridades nacionais e internacionais, incluindo Uma Thurman, Nicole Kidman, Sienna Miller, Rob Lowe, Robert Pattinson e Ben Kingsley.



**SOLIDARIEDADE**

The Body Shop une-se a petição com 31 mil assinaturas para acabar com tráfico sexual

A empresa The Body Shop criou uma petição aprovada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), assinada por mais de 30 mil pessoas, contra o tráfico sexual de crianças e jovens. O documento será entregue amanhã a Jaime Gama, na Assembleia da República, num iniciativa que decorre actualmente em mais de 50 países. A campanha "Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens" é apoiada por celebridades como Uma Thurman, Nicole Kidman ou Sienna Miller.



Petição reclama medidas contra tráfico de crianças



Tráfico de crianças para exploração sexual é preocupação internacional

Campanha

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) vai entregar depois de amanhã, na Assembleia da República, uma petição com mais de 31 mil assinaturas para acabar com o tráfico sexual de menores, um crime que afecta 1,2 milhões de crianças no mundo

A petição insere-se na iniciativa internacional "Campanha Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens", visando "contribuir para uma maior consciencialização e consciência pública de um fenómeno que existe e que é um fenómeno escondido", segundo o director-executivo da APAV.

"Já existe trabalho feito na área

do tráfico de seres humanos, mas a especificidade das crianças e jovens traficadas para fins de exploração sexual é uma área ainda a trabalhar, quer em termos de investigação, quer na prevenção e sensibilização", diz João Lázaro.

Outro objectivo é o "pedido muito específico" ao Parlamento para que Portugal acabe por ratificar a Convenção do Conselho da Europa contra a exploração sexual e o abuso sexual de crianças.

A dimensão do fenómeno não é totalmente conhecida, mas as Nações Unidas estimam que 1,2 milhões de crianças e jovens sejam traficados para exploração e abusos sexuais e que o tráfico humano é o terceiro maior crime.

Entre outros passos previstos na petição estão a realização de estudos sobre crianças traficadas, medidas concretas para reduzir a vulnerabilidade face a este crime e urgência na realização de acções de sensibilização para reduzir a procura de vítimas.

A petição advoga o reforço da identificação e protecção das crianças vítimas de tráfico, durante o processo judicial, garantindo especial amparo e segurança.

A "Campanha Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens" é apoiada por diversas celebridades nacionais e internacionais, incluindo Uma Thurman, Nicole Kidman, Sienna Miller, Piers Morgan, Rob Lowe, Robert Pattinson e Ben Kingsley. ■



Meio: **Mariana**
Periodicidade: **Semanal**
Tipologia: **Social**
Data: **30.03.2011**
Página: **54 + 55**
Secção: **Actualidade**
Dimensão: **2 páginas**
Título: **Denúncia activa ameaça pôr-lhe um fim**

ADBDcommunicare
Consultores Associados

ACTUALIDADE



31 500 assinaturas foram entregues na Assembleia da República.

Os tempos são de activismo social. Cada vez mais, as empresas privadas e organizações sem fins lucrativos juntam esforços para serem agentes propiciadores de mudança, informando o público daquilo que, na maior parte das vezes, está longe da sua percepção.

O relatório Situação Mundial da Infância em 2011, publicado pela Unicef, impele ao investimento em 1,2 mil milhões de adolescentes, entre os 10 e os 19 anos, para quebrar ciclos arraigados de pobreza. A educação é um dos factores mais debatidos pelas autoridades face ao assustador número de jovens que permanecem, actualmente, fora das escolas – são setenta milhões de adolescentes em idade de frequentarem o ensino secundário. O documento é revelador: **“Sem educação, os adolescentes não podem desenvolver os conhecimentos e aptidões de que necessitam para enfrentar os riscos de exploração, abusos e violência que se manifestam com maior evidência na segunda década de vida”**.

Para além da crise que assola os mercados mundiais, a tendência tecnológica dos mesmos é uma batalha perdida com a qual

Denúncia activa



muitos se deparam, sendo o desemprego, consequência imediata. **“Trata-se do resultado não apenas do desperdício dos talentos dos jovens, mas também de uma oportunidade perdida para as comunidades em que eles vivem. Em muitos países as vastas populações de jovens constituem um trunfo demográfico único que é muitas vezes subestimado”**.

Portugueses activos

No nosso país, 31 500 assinaturas foram entregues na Assembleia da República (AR) para pôr fim ao tráfico sexual de crianças e adolescentes. A iniciativa partiu de duas entidades – a APAV (Associação de Apoio à Vítima) e The Body Shop – e foi, de imediato, aceite por Jaime Gama, presidente da AR, que se mostrou firme na defesa de um papel res-

ponsável e eficaz na denúncia activa destes casos. Em Angola, por exemplo, que faz fronteira com o Congo, o número crescente de denúncias está ligada à maior sensibilidade da população quanto a injustiças.

No que diz respeito a acções judiciais e constitucionais, Portugal está bem lançado. Em 2007 foi ratificada a convenção do conselho da Europa contra a exploração e o abuso sexual de crianças; realizados estudos respeitantes a crianças traficadas para fins sexuais; tomadas medidas concretas para reduzir a vulnerabilidade das crianças; realizadas acções de sensibilização; reforçadas as medidas de protecção e identificação das vítimas, durante o processo judicial, garantindo-lhes segurança; criadas políticas que potenciem condições de trabalho a especialistas.

TRÁFICO SEXUAL DE CRIANÇAS

ameaça pôr-lhe um fim



Eficiência no combate

Sobre a campanha - Acabe Com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens -, Sandra Costa, da The Body Shop, disse: “Pôr termo ao comércio de escravos dos tempos modernos foi

um dos últimos desejos na nossa fundadora, Dama Anita Roddick”.

O projecto teve, ainda, a adesão de 50 países, sendo que são já muitos os nomes de peso que se juntam a esta causa, como Uma Thurman e Nicole Kidman.

Já o vice-presidente da APAV, João Lázaro, refere: “em todo o planeta o aumento constante do número de crianças e jovens considerados vítimas do tráfico de seres humanos é preocupante”. Também Maria de Belém, reafirma a cooperação entre várias entidades: “em articulação com universidades, entidades judiciais no terreno e colegas do parlamento, serão aperfeiçoados os instrumentos legislativos e será exercida “pressão no sentido de que a organização e a orientação dos recursos seja feita de forma cada vez mais eficaz”.

DIREITOS DA CRIANÇA

A Convenção sobre os Direitos da Criança desbravou caminhos, ao estabelecer o direito da criança a ser ouvida (Artigo 12), dando-lhe o direito de expressar livremente as suas opiniões sobre os temas que os afectam – na família, escola e comunidade. Na última década, muitos países têm adoptado iniciativas inovadoras para encorajar a participação de adolescentes e jovens, sendo que algumas delas chegaram a formar conselhos ou parlamentos, como é o caso da Lituânia, em que 50 por cento do Conselho de Assuntos da Juventude é composto por jovens. Também na África do Sul, adolescentes contribuíram para a existência do Estatuto da Lei da Criança naquele país.



ID: 34526620

16-03-2011



A Body Shop quer lutar contra a exploração e tráfico sexual.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

The Body Shop entrega petição no Parlamento contra exploração e tráfico

A The Body Shop entregou ontem no Parlamento uma petição com 31 mil assinaturas, apoiada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, contra o tráfico sexual de crianças e jovens. O objectivo é obter o apoio dos responsáveis políticos para criar "mais condições de protecção para crianças e jovens e mais apoio às vítimas de tráfico", explica a relações públicas da marca Sandra Costa que acrescenta: "Gostaríamos ver ratificada a Convenção do Conselho da Europa contra a exploração".



TRÁFICO SEXUAL

**Petição por
melhor combate
ao crime**

Uma petição contra o tráfico sexual de crianças e jovens, com mais de 31 mil assinaturas, foi entregue na Assembleia da República com vista a tornar mais eficaz em Portugal o combate a este tipo de crime. A petição insere-se numa campanha internacional – «Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens» – da Body Shop, em parceria com organizações não governamentais, que no caso de Portugal é a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. João Lázaro, diretor executivo da APAV, salientou a importância do esforço desta campanha para sensibilizar público e governantes. Em termos globais, a petição, que se insere numa campanha lançada em 50 países, já angariou 5 milhões de assinaturas. Em Portugal, esse número chegou quase aos 40 mil, mas apenas 31,5 mil assinaturas estavam em **“perfeitas condições para serem entregues”**, acrescentou.



■ **UMA PETIÇÃO** contra o tráfico sexual de crianças e jovens, com mais de 31 mil assinaturas, foi entregue ontem na Assembleia da República com vista a tornar mais eficaz em Portugal o combate a este tipo de crime. A petição insere-se numa campanha internacional – “Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens” – da Body Shop nos vários países do mundo onde está presente, em parceria com organizações não governamentais, que no caso de Portugal é a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).



ID: 34537627

13-03-2011

Acabar com o tráfico sexual de crianças

A Associação de Apoio à Vítima entrega terça-feira, na Assembleia da República, uma petição com mais de 31 mil assinaturas para acabar com o tráfico sexual de menores, crime que afecta 1,2 milhões de crianças no mundo.

A petição insere-se numa campanha internacional – “Campanha Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens” – da Body Shop nos vários países do mundo onde está presente, em parceria com organizações não governamentais que no caso de Portugal é a Associação Portu-

guesa de Apoio à Vítima (APAV).

Segundo João Lázaro, director executivo da APAV, esta petição tem dois grandes objectivos, um dos quais é “contribuir para uma maior consciencialização e consciência pública de um fenómeno que existe e que é um fenómeno escondido”. “Já existe trabalho feito na área do tráfico de seres humanos, mas a especificidade das crianças e jovens traficadas para fins de exploração sexual é uma área ainda a trabalhar, quer em termos de investigação, quer na prevenção e sensibilização”.

Por isso este “esforço” e esta campanha, para contribuir para a sensibilização pública e dos decisores para a existência deste fenómeno, acrescentou. O outro grande objectivo é o “pedido muito específico”, dirigido à AR, de que Portugal acabe por ratificar a convenção do Conselho da Europa contra a exploração sexual e o abuso sexual de crianças.

A dimensão deste fenómeno não é totalmente conhecida, mas “as Nações Unidas estimam que 1,2 milhões de crianças e jovens sejam traficados para fins de exploração e

abusos sexuais, disse João Lázaro.

Entre os outros passos a serem dados por Portugal estão a realização de estudos respeitantes a crianças traficadas, medidas concretas para reduzir a vulnerabilidade das crianças face a este crime e urgência na realização de acções de sensibilização a fim de reduzir a procura de vítimas.

A petição advoga também o reforço da identificação e protecção das crianças vítimas de tráfico, durante todo o processo judicial, sendo-lhes garantidos especial amparo e segurança. ♦



A violência que
os filhos podem
infligir aos pais
idosos não surge
de um dia para
o outro Pág. 4/7

Quantas pessoas se in- “não aguentava mais a

Mário, 80 anos. O filho tirou-lhe o telemóvel e os documentos para ele não conseguir voltar à ald Um dia deixou-a trancada... na rua. Rosa, 80. Terá sido agredida num lar. Como castigo por ter caí de números como este: no ano passado, só à APAV, foram denunciados 1500 crimes contra pesso

● Naquela noite, o filho foi especialmente agressivo. “Fiquei desorientada. Sai de casa e meti-me no carro. Fui dar uma volta. Entrei num bar muito fino, muito sossegado. Pedi um gin tónico, bebi, fui-me embora. Quando cheguei a casa, quis abrir a porta. A porta da casa que comprei, onde vivo, mas que está no nome do meu filho. Estava trancada por dentro. Toquei à campainha, bati, chamei, gritei. Acordei os vizinhos. Nada. Era de noite e eu não sabia para onde ir.” Claire, 75 anos, acabou numa esquadra de polícia a fazer o que até ali lhe parecia impensável. A pedir aos polícias que obrigassem o filho de 37 anos - o filho que adora - a abrir a porta da casa que é dela.

Claire (é por esse nome que quer ser tratada) é uma mulher de cabelos muito brancos, de voz rouca, de rosto marcado, sem maquilhagem. Gosta de ler e de pintar, mas, por estes dias, não lê nem pinta - o cavelete está abandonado num canto da sala da casa onde vive, na zona de Sintra. “Às dez da manhã, às cinco da tarde e às dez e meia da noite, saio para passear o cão. O resto do dia passo-o sentada. E faço palavras cruzadas.”

É acompanhada num dos gabinetes de Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que existem no país. Uma vez por semana, tem consulta com o psicólogo da associação. Está profundamente deprimida. Diz que a doença dela tem um nome: o nome do filho, que nesta reportagem não se revelará.

Aquela noite aconteceu há dois anos. Mas já lá regressamos. Claire precisa de tempo para contar a sua história e explicar como é que chegou aqui, a este gabinete pequenino. O abandono, os maus tratos, o desprezo, o isolamento, a violência que filhos podem ser capazes de infligir aos pais não surgem de um dia para o outro. Nem de uma noite para outra.

Abuso instalado

Um estudo financiado pela União Europeia revela taxas de abuso dos mais velhos particularmente altas em Portugal. Segundo o relatório final do projecto AVOW (*Prevalence study of violence and abuse against*

older women, que abrange ainda a Finlândia, a Áustria, a Bélgica e a Lituânia), quatro em cada dez portuguesas com mais de 60 anos que responderam a um questionário, anónimo, por carta, disseram ter sofrido alguma forma de violência nos últimos 12 meses. A média nos cinco países foi de 28,1 por cento.

A violência emocional ou psicológica (32,9 por cento) foi a mais relatada nos questionários recolhidos entre 26 de Abril e 30 de Junho do ano passado para o estudo coordenado, em Portugal, por José Ferreira-Alves, da Escola de Psicologia da Universidade do Minho. Segue-se a chamada “violência financeira” - que existe, por exemplo, quando alguém vê os seus rendimentos serem gastos sem o seu consentimento. Agressões cometidas por estranhos não foram consideradas neste projecto.

Os companheiros ou o marido, os filhos e as filhas, os genros e as noras são os agressores mais frequentes, continua o relatório. Um padrão que não diverge daquela que é a experiência da APAV. Um dos dados mais impressionantes das estatísticas fornecidas ao P2 pela associação é este: em mais de um terço dos 610 processos abertos no ano passado envolvendo homens e mulheres com 65 ou mais anos, os autores dos crime reportados eram os filhos das vítimas.

A julgar pelos relatos recolhidos, os maus tratos são, na maior parte dos casos, vividos em segredo. Mas têm consequências graves. Por exemplo: os sintomas de depressão

A Provedoria de Justiça tem disponível a Linha do Cidadão Idoso (800 20 35 31). No ano passado, o telefone tocou 2706 vezes. Tocou por muitos motivos, alguns bastante graves, “algumas situações limite”, diz a jurista Teresa Cadavez

são mais frequentes entre as mulheres que sofreram algum tipo de abuso, conclui-se no AVOW, que deverá ser publicado em breve. Os dados baseiam-se nos questionários preenchidos por 649 mulheres com mais de 60 anos - de um total de 1700 contactadas.

Mais do que as percentagens, diz Ferreira-Alves, é a tendência revelada que merece ser mais avaliada. “O abuso e a negligência, nas formas como os estudamos, de modo algum podem ser deixados sem mais estudos e sem intervenções nos domínios da saúde, social e jurídico.” Afinal, continua, os dados mostram “que o abuso parece estar realmente instalado como possibilidade de acção contra as pessoas de idade”.

Viver sozinha e pensar na morte

Claire foi mãe muito jovem, numa altura em que não tinha a vida minimamente organizada. Deixou o filho com os avós paternos. Não o viu crescer. Emigrou e construiu uma situação melhor do que a que tinha em Portugal, do ponto de vista material, mas pouco feliz. Outros dois filhos surgiram mais tarde na sua vida. Foi a eles que se dedicou.

Quando tinha 51 anos, o segundo marido estava cheio de dívidas e abandonou-a. Claire viu-se obrigada a regressar a Portugal. Vendidas as mobílias, era obrigatório começar do zero. Começou. Trabalhou até aos 65, sem férias, nem tempo para procurar as amigas que muitas décadas antes deixara no país - “sabe-se lá onde andam, têm a minha idade...”

Descurou as relações sociais, porque a prioridade era ganhar dinheiro, recuperar algum conforto, comprar casa, carro, ajudar os dois filhos que viviam com ela e que iam crescendo.

A filha mais nova acabou por ir viver com um companheiro e afastar-se. O do meio foi ficando com ela, cada vez mais fechado, cada vez mais ríspido. “Chegava do trabalho, ia para o quarto, não falava. Saía do quarto para jantar, em silêncio, regressava ao quarto, às vezes dizia ‘vou-me deitar’. Se tentava um carinho, sacudia-me. Não sei

porquê.” Sabe que, durante anos, foi assim.

Naquela noite, depois de ele ter gritado, depois de ela ter saído para beber um gin tónico e espreitar e de ele não a ter deixado entrar em casa, acabou na esquadra de polícia. “Perguntaram-me: ‘Em nome de quem está a casa?’ Respondi: ‘No nome do meu filho. Por causa do crédito jovem...’ Disseram-me: ‘Se está no nome do seu filho e ele não quer abrir a porta, ele está no direito dele.’”

Claire entrou em pânico. O filho acabaria por abrir a porta nessa noite. Mas se um dia não abrisse? “Foi isso que me fez vir em primeiro lugar à APAV.” E nunca mais deixou de ser acompanhada. Diz que, às vezes, muitas vezes, pensa no suicídio. Porque sente uma “solidão insuportável”.

O filho de Mário tirou-lhe os documentos

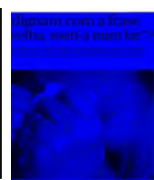
Dias depois de falarmos com Claire, entrámos numa outra sala pequenina, de um grande palacete. Estamos na Rua do Pau de Bandeira, em Lisboa, casa da Provedoria de Justiça.

Nesta sala de paredes brancas e uma janela pela qual entra a luz de um dia-quase-de-Verão está Paula Matos, 38 anos, a jurista que atende quem liga para a Linha do Cidadão Idoso (800 20 35 31). No ano passado, o telefone tocou 2706 vezes. Tocou por muitos motivos, alguns bastante graves, “algumas situações limite”, nas palavras da também jurista na Provedoria Teresa Cadavez.

Tocou, por exemplo, por causa daquela filha que espancava os pais. “Tinha problemas mentais. Já nos têm aparecido casos assim.” O que se faz nestas situações? Pede-se a intervenção do delegado de saúde, por exemplo, para apurar se é possível o internamento compulsivo do agressor.

Tocou também por causa daquele homem de 80 anos que vivia sozinho, na aldeia onde cresceu e envelheceu. “Até que, um dia, o filho resolveu preocupar-se e decidiu que o pai devia ir viver com ele, na cidade, para estar mais acompanhado. Quando o pai →





dignam com a frase velha, meti-a num lar”?

eia onde queria viver. Claire, 76. Durante anos, o filho ignorou-a, dentro da sua própria casa. do e partido a cabeça. Técnicos e vítimas contaram-nos as histórias que estão por detrás as com 65 ou mais anos, a esmagadora maioria de violência doméstica. *Por Andreia Sanches*



chegou, explicou-lhe: ‘Agora mando eu.’ E pôs o senhor num centro de dia.”

Às vezes, Mário, chamemos-lhe assim, telefonava a uma irmã a chorar. “Não estava feliz, não conhecia ninguém.” Queria voltar à aldeia. O filho não terá gostado de saber dessas conversas. E tirou-lhe o telemóvel. Acabaria também por lhe tirar a carteira e os documentos para travar qualquer plano de fuga que Mário tivesse na cabeça.

Quando o caso foi denunciado à linha do provedor de Justiça, foi contactada de imediato uma assistente do centro de dia, que chamou o filho. Não foi uma conversa completamente esclarecedora, mas Paula acredita que haveria motivações económicas para aquela súbita “preocupação” com o pai. Tempos depois, “o senhor acabou por voltar à terra”.

Este filho nunca se terá apercebido que estava a violar um “direito fundamental” do pai, que é “o direito à autodeterminação”, explica Teresa Cadavez. E Mário

muito menos se terá apercebido de que estava a ser alvo de um comportamento que, à luz da lei, pode configurar um crime.

E mesmo que se tivesse apercebido... Muitas destas pessoas que recorrem à Linha do Cidadão Idoso, ou à da APAV (707 200 077), resistem até ao fim a apresentar queixa, sobretudo contra um familiar próximo.

Rita terá sido agredida. E morreu

Mas o telefone, tanto o do provedor como o da APAV, também toca, por vezes, para denunciar maus tratos em instituições. Em Maio do ano passado, seguiu para a Segurança Social o seguinte relato: Rita teria cerca de 80 anos. Vivia num lar na área metropolitana de Lisboa. Alguém denunciou que não só não cuidavam dela convenientemente – “não há cuidados com a higiene, na hora das visitas não deixam que as pessoas lá estejam até ao fim”,

relatou quem fez a queixa – como um dia algo de mais grave terá acontecido. “Caiu, partiu a cabeça, não a levaram ao hospital.” Por ter caído, um funcionário “bateu-lhe duas vezes”.

À Segurança Social a APAV pedia clarificação urgente da situação. Um mês depois, chegava a informação de que senhora tinha morrido. “Não tivemos mais *feedback*, não sabemos se a Segurança Social chegou a ir ao local”, conta Maria de Oliveira, assessora técnica da direcção da associação.

Casos não faltam em que a APAV não sabe qual o desfecho das situações que encaminhou. Não quer dizer que não haja intervenção, acredita Maria de Oliveira. Mas, muitas vezes, a colaboração com as entidades oficiais termina depois da denúncia: “O trabalho em rede ainda tem que ser mais cultivado”, defende.

Enquanto fala connosco, Maria vai folheando dezenas de folhas agrafadas. Cada molho corresponde a um processo. Desde 2008, o

número de processos envolvendo pessoas com mais de 65 anos tem-se mantido estável, à média de 600 por ano.

“Na maior parte dos casos, os episódios de violência tendem a ser repetitivos”, diz. E os números de 2010 espelham isso: há 600 vítimas contabilizadas, que terão sido alvo de... 1518 crimes – dos quais cerca de mil de violência doméstica pura e dura, uma dezena de sequestros, 141 crimes de ofensa à integridade física fora da esfera familiar...

Em cada processo são incluídas as denúncias, pedidos de intervenção ao Ministério Público, relatórios da Segurança Social e o que mais ajude a deslindar se uma denúncia é verdadeira.

Nestas folhas de papel, todas relativas a casos do ano passado, há alguém que suspeita que, na zona do Estoril, existe um lar ilegal a funcionar – conta que, à noite, se ouvem pessoas a chorar, mas que ninguém abre a porta. Outra pessoa assegura que, não muito longe do mesmo local, vive uma mulher de

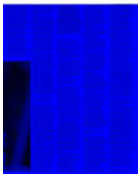
74 anos, incontinente. Diz que passa os dias em casa porque o filho vai trabalhar e deixa-lhe uma chave “que não funciona”, e que, quando ele está em casa, “lhe dá beliscões” e obriga-a a tomar “banhos de água fria”.

Há ainda um processo de João, 90 anos, que pôs um anúncio no jornal a pedir uma “companheira que o ajudasse”, porque ele tinha problemas de saúde – e, de facto, uma “companheira” apareceu, como que caída do céu, para lhe transformar a vida num inferno. “Ela diz que me mata”, conta ele quando telefona à APAV. A polícia já foi a casa de João. “Disseram que não podem tirar a senhora de casa”, conta Maria de Oliveira.

Rosa acha que a vão roubar

A fragilidade, a doença e o isolamento podem criar condições favoráveis à violência sobre os mais velhos – “pode haver





circunstâncias de dependência ou de incapacidade que criam mais ocasião para que a negligência e o abuso se tornem possíveis”, admite Ferreira-Alves. Mas o investigador recusa imputar apenas à idade “a forma como as pessoas idosas são tratadas, seja pelos filhos, seja pelos maridos”. O seu estudo, que em breve será publicado, mostrará, de resto, que não há maior incidência de relatos de violência, à medida que se avança na escala etária dos idosos. O que há são relatos de abusos mais severos, mais frequentes, à medida que as vítimas envelhecem.

Paula Guimarães, jurista e professora de Gerontologia, acrescenta esta ideia: “Apesar de existirem muitos casos de filhos e netos que não correspondem nem retribuem o afecto e a disponibilidade que receberam por parte dos seus pais e avós, a verdade é que muitos dos idosos de hoje não souberam ou não puderam adubar adequadamente esta árvore genealógica. Não estiveram

presentes, não deram amor, não transmitiram valores ou exemplos de entreajuda e de solidariedade intergeracional e, por vezes, foram pais ausentes, violentos e desatentos.”

A jurista deixa um alerta inquietante, não muito diferente daquele que fez questão de deixar quando há semanas foi confrontada pelo PÚBLICO para comentar o caso da mulher que esteve nove anos morta em casa, em Rio de Mouro. “É importante percebermos que o que colhemos no final da vida é o resultado da forma como vivemos e que a velhice é o resultado de um percurso de sorte e azar, mas também de opções próprias.”

Nas histórias que chegam à Linha do Cidadão Idoso nem sempre se consegue perceber quando é que tudo começou a correr mal. Mas Paula Matos não esconde o incómodo quando fala de alguns “clientes habituais da linha”. É o caso de Rosa.

Tem 80 anos e passa os dias de Inverno na sua casa na Margem Sul a acarretar baldes com a água da chuva que lhe entra em casa. Vive com os cães, os gatos e os periquitos e uma reforma de menos de 400 euros. Tem duas filhas longe, com quem, de resto, se dá pessimamente. “São relações muito más.” Telefona muitas vezes a explicar que precisa de ajuda.

Com o tempo e os contactos com a assistente social da zona, a jurista da Provedoria de Justiça foi percebendo o quão complexa é a situação. Rosa recusa ir para um lar ou centro de dia se não lhe arranjam alguém que fique a tomar conta das suas coisas, na sua casa velha que deixa entrar água. Acha que a vão roubar. Também não quer apoio domiciliário porque “diz que a roubam”. E esta história parece um beco sem saída.

A nora que não leva a sogra ao médico

Já outras, ainda que tão ou mais complicadas do que a de Rosa, parecem estar à beira de resolver-se. Recentemente, Paula Matos ouviu o telefone um relato que dava conta de uma mulher de 90 anos que fracturou uma perna. Quando teve alta, a nora dispôs-se a ir viver uns tempos com ela, para ajudar. Pelo menos, foi isso que se propôs fazer: ajudar. Foi buscá-la ao hospital, o médico passou-lhe para a mão uma carta onde explicava que a doente deveria fazer fisioterapia, para recuperar da fractura. Mas, chegadas a casa, a carta do médico ficou em cima da mesa. E de lá não saiu mais.

A reforma da senhora de 90 anos, mais de 1500 euros, chegava todos os meses, mas a fisioterapia foi sendo adiada porque à nora “dava jeito o dinheiro”.

Continua Paula Matos: “A senhora estava com mobilidade reduzida, não podia ir ao banco, entregou à nora as cadernetas e pediu-lhe que ela gerisse as contas.” Mas, a certa altura, a nora passou a aproveitar-se da situação. “E assim chegamos ao ponto em que alguém está a fazer algo contra a vontade do idoso.”

É claro que esta mulher podia pôr aquela familiar na rua. Mas não o fez, como é frequente acontecer nestes casos. Tem uma perna fracturada, está frágil, sente-se baralhada e confusa. “Comunicámos a situação à

“Quando alguém é desprezado e deixado à sua sorte, isso deixa marcas. Tão ou mais profundas quanto as que são provocadas por violência física”, diz um dos cartazes da APAV, que tem uma linha de apoio (707 200 077)

Segurança Social”, diz Teresa Cadavez. “A nora percebeu que houve uma queixa, não percebeu quem foi. Mas, por vezes, já é importante que as pessoas saibam que não podem fazer tudo o que querem porque já alguém sabe o que se está a passar.”

Entretanto, a Segurança Social foi chamada a intervir. A nora já terá prometido que levava a sogra ao médico.

A denúncia de situações de “abuso financeiro” é cada vez mais frequente, segundo a Provedoria. E, no estudo coordenado por José Ferreira-Alves, este tipo de violência surge logo a seguir à emocional – 16,5 por cento das mulheres que responderam ao questionário por carta relataram já ter sofrido pelo menos um episódio.

Maria foi atacada quando dormia

“Há quem acredite mesmo que as pessoas, por causa da idade, perdem direitos”, continua Teresa Cadavez. “As pessoas não percebem, por exemplo, que podem ser acusadas de sequestro quando internam um familiar num lar, contra vontade”, afirma João Lázaro, presidente da APAV. Não percebem, afinal, coisas óbvias. Quantas pessoas, questiona Maria de Oliveira, simplesmente não reagem se ouvem alguém dizer: “Não aguentava mais a velha e meti-a num lar”? E quantas famílias são convintes com a existência de lares ilegais? Só este ano, a Segurança Social já encerrou 21, entre outras razões, por falta de condições.

O stress dos cuidadores é frequentemente apontado como uma das múltiplas causas que estão por detrás da violência, um stress particularmente observável em mulheres que, nas suas famílias, prestam cuidados a diferentes gerações: aos pais, aos sogros, quando não aos avós e ao mesmo tempo aos filhos pequenos ou adolescentes. “Estes prestadores de cuidados sobrecarregados são propensos a tornar-se agressores”, lê-se num manual lançado recentemente pela APAV, destinado aos profissionais de saúde e a outros que lidam com pessoas de idade.

A existência de um historial de violência na família também é apontada frequentemente como factor de risco. Os maridos/mulheres/companheiros são o segundo grande grupo de agressores identificados nas estatísticas da APAV.

Maria, 62 anos, é um caso paradigmático da violência que chega tarde. Foi durante anos

muito feliz com o marido. “Era uma pessoa muito boa”, conta ao P2. Tiveram três filhos, construíram uma casa, fizeram “um pé de meia”. Mas, aos 42 anos, ele morreu. Durante 13 anos, viveu sozinha. Os filhos já tinham saído de casa, casado e tido filhos.

“Tinham a vida deles” e ela, a certa altura, começou a pensar que não queria acabar os seus dias sem companheiro.

Quando tinha 57, decidiu tentar de novo. “Achei que tinha encontrado uma boa pessoa. Era um homem que também estava reformado, como eu... Mas foi a pior coisa que fiz.”

Ao fim de três anos de casamento, ele começou a agredir-la. “Gritava, chamava-me nomes, tinha ciúmes, cheguei a achar que não estava bem da cabeça. É a pedir que o internassem. Ele tinha uma pistola. Eu tinha medo da pistola.”

Maria, uma mulher simples, que trabalhou toda a vida como empregada de balcão, com uma energia que ainda hoje se adivinha na forma determinada como fala, não sabe, até hoje, se a alteração de comportamento do marido se deve à disfunção sexual que ele desenvolveu com a idade. Mas lembra-se de ele a olhar, “com os olhos muito abertos”, muito agressivo.

Um dia, quando ela estava a dormir, atacou-a.

“Tomo comprimidos para dormir, aquilo apanhou-me desprevenida. Com a pancada, cortei a língua, comecei a sangrar, fiquei com a cara toda negra. De manhã, saí de casa e fiz duas coisas: primeiro fui à polícia, depois à APAV. Ele bateu-me à meia-noite e meia hora e às nove da manhã já eu estava na polícia.”

Expulsou-o de casa, pediu o divórcio. E, durante meses, ele perseguiu-a e ameaçou-a. “Chegou a dizer à polícia e aos meus filhos que eu havia de morrer no carro, toda desfeita.” Depois desapareceu. Faltou a todas as convocatórias do tribunal. E “o divórcio ainda não saiu”.

Maria está casada contra vontade. Diz que se já tivesse o divórcio se sentiria mais segura. Acha que na cabeça daquele homem, por serem casados, ela é uma espécie de propriedade que ele pode vir resgatar a qualquer momento, outra vez. “O Presidente da República está sempre a dizer que agora o divórcio é a maior das facilidades. Não percebo.”

O abandono magoa. E muito

No próximo mês, a APAV vai relançar a campanha de prevenção de maus tratos que desenvolveu no ano passado. Cartazes e *outdoors* mostram imagens de corpos cobertos de nódoas negras. É uma campanha-choque, num país cada vez mais envelhecido que, acredita João Lázaro, tem ainda um longo caminho a percorrer no que diz respeito à forma como lida com este tipo de violência – um caminho que se trilhou em relação à violência contra as mulheres, mas que só agora se começa a fazer em relação aos velhos, diz.

Na campanha da APAV há cartazes que alertam especificamente para os maus tratos, outro para a violência

financeira e outro ainda é orientado para os crimes cometidos por pessoas estranhas. Não é por acaso. O comissário Paulo Ornelas Flor, das relações públicas da direcção nacional da PSP, explica que estão identificados “determinados *modus operandi*” que os criminosos utilizam especificamente com pessoas com mais de 65 anos. E ilustra a afirmação com números que ganham uma particular expressão entre esta população: só em 2010, mais de 700 foram vítimas de carteiristas; 80 foram alvo de burla por pessoas que se identificaram como funcionários do Estado ou de instituições; 87 foram sofreram abuso de confiança.

Mas há um cartaz da campanha da APAV que chama especial atenção. Mostra uma mulher de cabelo curto, branco, as costas a descoberto nas quais foi cravada, como que com uma faca, a palavra “abandono”. Segue-se uma frase: “O abandono magoa. E muito.” E um apelo: “Quando alguém é desprezado e deixado à sua sorte, isso deixa marcas. Tão ou mais profundas quanto as que são provocadas por violência física.”

Não é certo que Claire, uma das mulheres que acederam a contar-nos a sua história, já tenha visto esse cartaz. Não lhe perguntámos. Mas é mais do que seguro que a depressão que anda a tratar com medicamentos está relacionada com esse sentimento de abandono.

No pequeno gabinete da APAV, conta como o filho de que tanto gosta – e que uma noite a deixou na rua – saiu, entretanto, de casa. Casou-se, foi viver com a mulher. Claire até já tem um neto que pouco vê. “Tenta-me afastar...” Diz que não é bem recebida quando telefona: “O que é que queres?” responde-me o meu filho.” Claire ensaia uma voz ainda mais grossa para imitar o filho: “O que é que queres?”

“Quando precisa de alguma coisa, vem ter comigo, é simpático. Ajudo-o, mas depois ele esquece.” Um carro, um curso, o que for... “mas ele esquece”.

“Por que é que ainda dou? É uma boa pergunta... não sou obrigada. Faço porque quero. Estou a tentar comprar o meu filho? Olhe, nunca tinha pensado nisso! É muito forte, não é? É vergonhoso, não é? Já tentei de todas as formas ter o amor dele e não tenho, percebe? Não tenho absolutamente nenhum. Vivo sozinha com o meu cão.”

E o primeiro filho, aquele que há muitos anos entregou aos pais do marido? “Não o vejo desde 1989. Trocámos cartas, às vezes. Ainda me chama mamã. Mas mudou de casa, não me deu o novo número. Já procurei na Internet. Mas estava demasiado nervosa e desisti. Escrevi-lhe uma carta a dizer que não pretendia que reatássemos uma ligação de mãe e filho amado. O que é que eu queria? Que ele telefonasse de vez em quando. Isso chegava. A vida traça às vezes umas linhas complicadas. Acho que fiz o melhor para ele, que ele nunca teria chegado aonde chegou se tivesse ficado comigo.”

É médico, conta Claire, quase a sussurrar, como se fosse um segredo. E continua: “Mas muitas vezes sinto-me culpada.” Sozinha. E culpada. “Chegava-me que ele telefonasse de vez em quando.”

Nota: os nomes de vítimas foram alterados.



ID: 34280792

25-02-2011

Abertos 340 processos em 2010 no Gabinete de Apoio à Vítima

O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Santarém abriu, no ano transacto, 340 novos processos, mais 23 do que em 2009, segundo dados revelados ao Correio do Ribatejo, no Dia Europeu da Vítima de Crime (22 de Fevereiro). O número tem vindo a subir gradualmente. Em 2007, ano em que iniciou as suas funções, o gabinete apoiou 217 processos. Em 2008, contou 302 e em 2009, 317. A crescente sensibilização da comunidade para o problema da violência e o maior conhecimento, por parte das vítimas, dos seus direitos e das possibilidades de ajuda serão a principal razão para este aumento. Porém, Cármen Videira, gestora do GAV, chama a atenção para o drama silencioso vivido diariamente por muitas pessoas, sobretudo, mulheres e idosos, que, por medo, vergonha ou desconhecimento dos apoios existentes, continuam a calar as agressões de que são vítimas. p. 7





Campanha de sensibilização sobre a Violência Contra as Pessoas Idosas

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou uma campanha de prevenção e sensibilização pública sobre a Violência contra as Pessoas Idosas. A campanha tem como objectivo principal alertar para a violência contra as pessoas idosas, como problema social grave nas suas várias manifestações, dando exemplos de crimes praticados, através da produção de diferentes materiais e acções de divulgação e de sensibilização pública e que conta com a colaboração de diferentes órgãos da comunicação social.

Saiba mais em www.apav.pt



PRIMEIRO PLANO

MAUS-TRATOS
NA TERCEIRA IDADEAgressões de filhos
a pais está a aumentar

A Associação de Apoio à Víctima acompanhou, em 2009, a 532 pais que foram maltratados pelos filhos. Entre 2004 e 2009, verificou-se um aumento de quase 70% do número agressões perpetradas por filhos.



7,8 %

dos idosos portugueses foram vítimas de abuso financeiro, apurou um estudo europeu. Portugal é, entre sete países, o que apresenta indicadores mais elevados de violência económica.

Queixas por violência contra
idosos dispararam em 2011

DIAP de Lisboa registou grande aumento das denúncias e processos na APAV subiram 120%

HELENA NORTE
helenan@jn.pt

A violência contra idosos está a crescer ou, pelo menos, há mais denúncias que são, contudo, a ponta do icebergue, alertam as autoridades. Um estudo europeu revela que os idosos portugueses são os que mais sofrem abusos financeiros.

Nos primeiros dois meses deste ano, verificou-se um aumento significativo das denúncias de violência contra idosos chegadas ao Ministério Público, confirmou ao JN a procuradora Fernanda Alves, da secção do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa especializada em violência doméstica. Depois de muitos anos em que "a problemática da violência contra idosos esteve escondida", assiste-se agora a uma maior consciência e visibilidade social do fenómeno, com repercussão directa no número de queixas judiciais, refere a magistrada.

Os maus-tratos são geralmente praticados por filhos ou cônjuges e nem sempre são participados pela vítima, uma vez que se trata de um crime público e não depende de queixa do próprio. Os vizinhos e os hospitais são fontes frequentes de denúncia.

As agressões físicas são a face mais visível deste fenómeno, que tem muitas formas e subtilezas que escapam à malha judicial, sublinha Fernanda Alves. A nível económico, por exemplo, os abusos podem consistir na usurpação, por parte dos filhos, das reformas para fins que não sejam a satisfação das necessidades do progenitor, na venda de património sem a concordância do idoso ou no internamento num lar contra a sua vontade.

A Associação Portuguesa de Apoio à Víctima (APAV) recorrem

cada vez mais idosos que foram alvo de maus-tratos variados, mas muitos não desejam formalizar queixa, segundo Maria de Oliveira, coordenadora do projecto Títano - Apoio a pessoas idosas vítimas de crime e violência. Sentimentos de culpa e vergonha impedem que se queixem contra os filhos ou os netos.

APAV com 649 processos

Entre 2000 e 2009, o número de processos na APAV por violência contra idosos aumentou 120%. Os dados de 2010, ainda provisórios, dão conta de 649 denúncias, o que representa um ligeiro aumento face ao ano anterior.

**Maior visibilidade social
está a traduzir-se num
aumento das queixas
de maus-tratos a idosos**

A grande "desculpabilização social" face a este tipo de criminalidade ditou um encobrimento que começa agora a desvanecer-se, considera Maria de Oliveira. Ainda assim, impera a noção de que os idosos são incapazes de tomar decisões e os filhos assumem o controlo das suas vidas - e dos seus bens -, mesmo quando não se constituem como representantes legais, o que pressupõe um processo judicial de interdição.

Mais abusos financeiros

Uma investigação desenvolvida em Portugal, Espanha, Grécia, Itália, Lituânia, Suécia e Alemanha concluiu que os abusos financeiros - definidos, neste estudo, como exploração imprópria ou ilegal - são muito mais frequentes em Portugal do que nos restantes



Internamento de idosos em lares contra a sua vontade também é uma agressão

países, sendo relatados por 7,8% dos inquiridos portugueses e por 4,8% dos espanhóis.

O Abuel - Estudo sobre saúde, experiências e condições de vida inquiriu cerca de 4500 pessoas, com idades entre os 60 e os 84 anos. Em Portugal, a investigação foi realizada pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto e incidiu em 800 idosos.

O tipo de maus-tratos mais detectados, no conjunto dos sete países analisados, foram os psicológicos (19,4%), seguidos dos financeiros (3,8%), físicos (2,7%) e sexuais (0,7%). Comparando os resultados dos vários países, verifica-se que a violência psicológica e física é mais frequente na Suécia, enquanto os abusos sexuais ocorrem mais na Grécia. ■

Todos os dias
há idosos vítimas
de esquemas
de burla e fraude

Entre Janeiro de 2009 e Junho de 2010, foram reportados à GNR 444 crimes de burla perpetrados contra idosos, apurou o JN junto do chefe de Repartição de Programas Especiais, major Rogério Copeto. Aquela força policial não tem registo de crimes económicos cometidos por familiares. As estatísticas referentes a esses 18 meses permitem concluir que os prejuízos ascendem a um milhão de euros. "Todos os dias, há idosos burlados, ainda que nem sempre apresentem queixa. As cifras negras neste tipo de criminalidade são significativas", sublinha aquele responsável. O esquema fraudulento mais utilizado para burlar idosos é o do falso funcionário da Segurança Social que, sob vários pretextos - como a alegada saída de circulação de notas de 50 euros, por exemplo -, consegue convencer o idoso a entregar avultadas quantias de dinheiro. Outras variantes do mesmo modus operandi é fazer-se passar por funcionário da Segurança Social, do centro de saúde ou de outra entidade que mereça a confiança do idoso. Há também burlões que se aproximam dos idosos dizendo ser amigos de familiares emigrantes a passar dificuldades e convencem-nos a entregar bens e valores. "O problema é que as pessoas idosas costumam ter dinheiro em casa", o que as torna mais vulneráveis a este tipo de criminalidade, sublinha o major Copeto. Os autores dos crimes são maioritariamente homens (73%), mas há mais vítimas do sexo feminino (56%). Os crimes ocorrem principalmente quando estão sozinhos e em casa (à hora do almoço dos dias úteis). ■



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência doméstica não é uma vivência nova no nosso quotidiano, é um fenómeno que tem vindo a ter uma visibilidade crescente, resultado da construção de uma consciência social, de cidadania e de respeito pelos direitos humanos. Durante muitos anos este fenómeno que sempre existiu, permaneceu no silêncio, ninguém se atrevia a denunciar por pior que a situação se apresentasse.

As Nações Unidas na declaração sobre os direitos humanos, consideram que este, é um fenómeno global, e que tem vindo a ser praticado ao longo dos tempos, em países culturalmente e geograficamente muito diferentes, alertam ainda para a consciencialização de que em nenhum país do mundo as mulheres são tratadas de forma igual aos homens.

Ao longo dos anos tem-se vindo a trabalhar esta problemática, tanto a nível nacional, como internacionalmente, com diversos projectos, leis, medidas, tudo na tentativa de melhorar a situação dos países a nível da violência doméstica.

Apesar de existirem casos de violência no sexo masculino, verifica-se uma prevalência esmagadora de vítimas no sexo feminino. Actualmente ainda não existe uma relação de igualdade entre os sexos, e a violência doméstica é um problema que os afecta a ambos. Pode ocorrer em diversas idades e em todas as classes sociais, níveis económicos, não tendo preferências religiosas ou culturais, como se poderia pensar, é um fenómeno que se tornou global.

Os casos de violência doméstica não se limitam ao casal, também são considerados casos em que existe agressão a crianças, dos filhos contra os pais, ou contra os idosos, ou seja qualquer tipo de agressões existentes dentro do seio familiar.

A violência doméstica não é só agressões físicas, mas também agressões psicológicas e verbais, em que uma pessoa está constantemente a criticar, ridicularizar, diminuindo, rejeitando, discriminando e humilhando a outra, sendo que este tipo de violência não é ainda muito considerada, também por ser difícil de fazer prova da dita violência. Além dos maus tratos físicos, psicológicos, emocionais e verbais, são ainda tipos de violência doméstica, o isolamento social, a intimidação, as ameaças, a violência sexual e o controlo económico.

A violência doméstica assume a natureza de crime público, o que significa que basta uma denúncia ou o conhecimento do crime, para que o ministério público promova o processo.

Em Dezembro de 2010 o governo aprovou o IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, prevendo nesse plano a implementação de estratégias no combate à violência doméstica.

As estratégias passam pela sensibilização, informação e educação, passam ainda pela protecção das vítimas e promoção da sua integração social, pretende-se ainda prevenir a reincidência, intervindo com os agressores e ainda qualificar os profissionais que trabalham com estes casos.

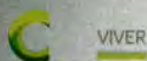
O aumento dos números de denúncias de casos de violência doméstica é fruto de uma maior visibilidade do fenómeno resultado de campanhas de sensibilização e uma maior consciencialização das vítimas para os seus direitos.

Segundo a Direcção Geral de Administração Interna, em 2009 foram registadas pelas forças de segurança 30543 participações de violência doméstica, em mais de metade dos casos existiram ocorrências anteriores e em 45% dos casos essas agressões foram presenciadas por menores.

Segundo dados disponíveis no site da APAV em 2010, 80% dos processos de apoio são de violência doméstica, tendo tido um aumento de 25% em relação a 2009.

A violência doméstica é um atentado aos direitos humanos, ajude-nos a denunciar, não se deixe viver num clima de violência nem deixe que as suas crianças cresçam no meio dela.

*UCC Santa Comba Dão
Enf. Isabel Pais, Enf. Alice Cruz*



dia da mulher

CINCO MULHERES MORREM POR MÊS

Violência doméstica mata

89%
dos contactos
para a APAV são
feitos por
mulheres

86%
dos agressores
são do sexo
masculino

81,2%
dos crimes que
APAV registam são
violência do-
méstica

58,4%
assinalam a residên-
cia comum como
o local do crime

Em Portugal morrem cinco mulheres por mês vítimas de violência doméstica. Autoridades recebem 50 a 100 queixas diárias. Jurista da APAV e psiquiatra entendem que a solução passa por mudar mentalidades

É COMUM ouvir-se dizer que “não se bate a uma mulher nem com uma flor”. Mas o número de vítimas de violência doméstica continua a aumentar e fala por si. Em Portugal morrem cinco mulheres por mês.

No decurso do ano de 2010, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 81,2 por cento de situações relatadas por crime de violência doméstica.

A violência contra a mulher, doméstica ou não, é um fenómeno universal que ultrapassa qualquer barreira cultural ou religiosa.

“O medo da retaliação por parte do agressor e a vergonha de denunciar o crime são mui-

tas vezes o maior entrave para as mulheres”, explica a psiquiatra Paula Carriço.

A violência doméstica pode ser exercida de quatro formas: física, psicológica (as mais frequentes), socioeconómica e por abandono ou negligência.

Natália Cardoso, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra da APAV, alerta que de há 15 anos para cá os números aumentaram. O que em muito se deve “à maior sensibilidade da comunidade e à maior consciência da população em geral”. Mas admite que os números que se conhecem representam apenas “a ponta do icebergue, porque

mesmo assim há uma realidade escondida”. E porque é que este problema persiste? A jurista entende que há “mitos culturais” que se perpetuam de geração em geração, “de papéis estereotipados no uso do poder nas relações”. Assim como Paula Carriço, que diz que “um dos objetivos de desenvolvimento do milénio realça a necessidade que ainda existe na nossa sociedade de promover a igualdade de género e dar poder às mulheres. Assim assinalamos este dia simbólico, na esperança que as consciências mudem e que a sociedade se torne mais justa e igualitária”. Quem ama, não mata. **MV**



LUTAS

Crime e castigo

Em sete anos morreram 250 mulheres vítimas de violência doméstica. Só em 2010, contaram-se 43.

Neste mês de Março entrará em vigor a possibilidade de aplicação de pulseira electrónica aos agressores. Acende-se uma luz de esperança num universo muito negro.

POR ANABELA MOTA RIBEIRO

“A nossa relação caminhava para lado nenhum. Pior: caminhava para a minha destruição. Tínhamos uma dinâmica negativa, pesada, sofrida, louca. Era também assim que me sentia. Eu não era mulher para ele: não era obediente, nem carente, nem frustrada. Não me deixava dominar, controlar. Ele tem uma auto-estima gigantesca, que precisa de alimentar através do domínio que exerce sobre outras pessoas.” Rosa é uma mulher de 41 anos, de estatura portuguesa. O cabelo é comprido, enrolado, cuidado. Fala pausadamente, expressa-se com rigor, trabalha num banco. Traz um livro de Sándor Márai. Encontramo-nos num centro comercial, num café onde se pode fu-

mar. “Vou precisar de fumar”, tinha avisado. Mas fumou muito pouco. A única vez que a voz se alterou foi para dizer: “Foi um inferno.”

Nunca pensou que aquilo lhe pudesse acontecer. Apesar de a mãe ter sido batida pelo pai. Apesar de o ex-companheiro ter batido na ex-mulher e na sogra. Apesar de provir de um quadro onde as cenas de violência não são uma coisa que só acontece aos outros. Vem de uma infância sem livros, cresceu num bairro social. “Deu-me resistência. Não é boa. É resistência para o mal.” Um mês depois de estarem juntos, já ele a ameaçava. Uma ameaça-castigo. “Não te portas bem, não caso contigo, vou-me embora. Se te portares bem, logo se vê.” Viviam em permanente confronto.

Porque é que Rosa ignorou os indicadores? Porque é que ficou quando se prenunciava uma tempestade? A investigadora do Dinâmica CET-IS-CET, Glória Rebelo, que trabalha questões relacionadas com a igualdade de género, pensa que “continua a existir um ideal de relação amorosa estável. A educação sentimental baseia-se ainda muito num modelo romântico (asente na reciprocidade, compromisso e estabilidade). Existem dois tipos de situações: o das mulheres dependentes financeiramente dos homens, geralmente com filhos (e o número de filhos aumenta, naturalmente, a dependência), que suportam a violência por uma questão de sobrevivência económica; e por outro lado, as mulheres que ainda que independentes economicamente suportam a violência em segredo, ou por afecto ao agressor, ou reccando o escândalo, ou na esperança de que um dia o agressor mude o seu comportamento”.

Rosa não dependia financeiramente do companheiro. Não alimentava o sonho de um casamento indissolúvel.



AVIOLENCIA DOMÉSTICA ENTRE LÉSBICAS E HOMOSSEXUAIS

"Existe ainda o mito de que duas pessoas do mesmo sexo têm a mesma força física, pelo não se justifica falar em desigualdade neste tipo de relações. Contudo, nem duas pessoas do mesmo sexo têm necessariamente a mesma força física nem a violência doméstica se baseia sempre na superioridade física de um dos elementos do casal", esclarece a ILGA.

Há uma vulnerabilidade acrescida para lésbicas e homossexuais que decorre do seu isolamento, da inexistência de uma rede social de apoio, e também do facto de "muitas pessoas LGBT viverem as suas relações amorosas e familiares sem o conhecimento das suas famílias de origem". O *outing* é uma ameaça que pende sobre elas. "Se um dos parceiros não fez ainda o *coming out*, o agressor pode utilizar a ameaça de o denunciar como *gay* ou lésbica como um poderoso instrumento de controlo e de intimidação."

Pertence a uma geração emancipada. De uma relação anterior, tinha uma filha. Responde com uma frase simples quando lhe perguntamos porque viveu cinco anos com um homem que a maltratava. "Porque gostava dele."

Como compreender que, apesar das alterações dos últimos anos, da entrada em força da mulher no mercado de trabalho, da importância dada à sua realização profissional, ela continue a ser olhada, mais do que tudo, como mãe e mulher? Como se fosse mais "uma mulher" e menos "uma pessoa". Glória Rebelo concorda que a questão é cul-

o que muitas parecem sentir: "Eu acreditava que o meu amor o iria mudar." Existe uma denegação da situação em que se encontram. Têm dificuldade em assumir que se mantêm numa relação de maus tratos. Não só socialmente – é normal esconderem, aparecerem pisadas no trabalho e dizerem que foram contra o armário da cozinha – como perante si próprias.

Conceição Oliveira Neves diz que "as relações oscilam entre o fusional e o conflito. As vítimas aceitam agressões que consideram 'menores', têm um sentimento de dependência em relação ao agressor, que pode não ser real, mas que é sentida como tal. Os agressores, que têm uma baixíssima auto-estima, embora aparentemente tenham uma auto-estima muito elevada, responsabilizam as vítimas pela própria situação de maus tratos que lhes infligem! É frequente ouvi-los dizer: 'Tu já viste o que me fazes fazer?'" Manipulam emocionalmente. Têm ciúmes desmedidos. Têm necessidade de sentir que têm o controlo, exercem a autoridade despoticamente".

Todavia, fora do contexto doméstico, os agressores podem ser pessoas en-

cantadoras. Não raro são afáveis, amigo do seu amigo, daqueles de quem se diz que não fazem mal a uma mosca. Só as que dormem com aquele inimigo lhe conhecem o lado negro, irascível, explosivo, assistem à transmutação. Vivem um segredo, que não partilham. Diminuídas na sua auto-estima, sentem uma vergonha social que as isola da família, dos amigos, que as enclausura na redoma em que vivem com o agressor. Levam e calam.

Rosa levou uma vez, apenas. Olhando retrospectivamente, não é

estranho que "aquilo" tenha acontecido. A escalada da relação apontava para este desfecho. Se tivesse ficado, provavelmente o destino seria levar mais, cada vez mais, em ciclos cada vez mais curtos, cada vez mais intensos. Ora de seis em seis meses, ora de três em três meses, ora uma vez por mês, ora porque o Benfica perde, ora porque o prato não está devidamente limpo, ora porque o outro bebeu. Ora porque sim, ora porque não. "Descarregam a tensão sobre a vítima, independentemente da atitude que ela tenha", diz de forma lapidar a terapeuta familiar.

Rosa recorda que o companheiro nunca lhe dizia que a amava. Mas repetia que a adorava. Que tinha encontrado nela um substituto para a heroína, em que fora viciado. "Os ciúmes fizeram-no partir um aspirador, amolar um azeite. Costumava dizer: 'Qualquer dia mato-te e a se-

DIMINUÍDAS NA SUA AUTO-ESTIMA, as vítimas sentem uma vergonha social que as isola. Levam e calam.

tural e de mentalidades. "As mulheres, ainda hoje, são educadas (e, paradoxalmente, pelas próprias mães) para serem as 'cuidadoras dos outros', secundarizando muitas vezes o 'cuidar de si'. Cuidar dos filhos, do marido/companheiro, cuidar dos pais, dos avós, genericamente da família. E, desde cedo, vão interiorizando a assunção dessa responsabilidade. Em caso de iminente ruptura de relação, as mulheres tenderão a ponderar, mais do que os homens, o fim da relação, sobretudo quando estão em causa filhos."

A terapeuta familiar Conceição Oliveira Neves, que acompanha no consultório e no Hospital Júlio de Matos vítimas de situações de maus tratos, observa que estas mulheres "não conseguem desistir da relação. Acreditam que o sacrifício pelos outros é uma virtude", Rosa diz taxativamente

A BRUTALIDADE DOS NÚMEROS

Uma cifra negra: 43 mulheres morreram em 2010 vítimas de violência doméstica. Vinte e nove destas mulheres mantinham uma relação amorosa com o agressor. Uma parte diminuta (oito) tinha terminado a relação e pelo menos nove haviam apresentado queixa por maus tratos.

Os números não são significativamente diferentes dos de anos anteriores. Em média, registam-se por ano 40 óbitos resultantes de situações de violência doméstica. É uma realidade que não escolhe classes sociais ou faixas etárias. Segundo um estudo recente efectuado pela Universidade do Minho, os casais mais jovens agridem-se tanto quanto os mais velhos.

A APAV disponibiliza no site www.apav.pt informação sobre o tipo de apoio prestado.

guir mato-me, já não tenho nada a perder. Eu fui rude, parti um comando da televisão, um copo, um prato. Violência gera violência. Também me estava a transformar num monstro. Era uma luta de igual para igual, num ringue de ofensas. Um dia apertou-me os braços, empurrou-me, agrediu-me. Nessa manhã eu tinha-lhe dito que estava grávida. Estava grávida dele e ele bateu-me. Odiei-o mais do que nunca. Fiquei desfeita, desnorteada. Peguei no copo de whisky, atirei-lho à cara, parti-o contra a parede. Ele imobilizou-me, mordeu-me, apertou-me o pescoço. Bateu-me. No dia seguinte fui trabalhar, disfarcei as nódoas negras com um corrector de olheiras. Nunca houve remorsos, pedidos de desculpa, promessas de amor eterno. "Tu não me mereces", dizia-me. Eu é que causava todo o mal na nossa relação. Abortei. Sozinha." Nessa altura, escreveu para não esquecer, "Doeu tanto que ainda dói."

O companheiro de Rosa saiu de casa há quase um ano. Mas no café onde se pode fumar, Rosa lê alto as mensagens de telemóvel que ele continua a enviar-lhe. Sedutoras, amorosas, convites para jantar. "Fui mesmo deixando de gostar dele", diz. Não vacila. "Não deixei que me roubasse toda a minha auto-estima. Nos últimos meses que passámos juntos, deixei de reagir. Ignorá-lo era ofendê-lo. E não me via a chorar pelos cantos. Tentava seduzir-me. Como agora. Mas se cedesse, se voltasse, sei que tudo seria como dantes."

Deixou de acreditar que o amor redime. Compreendeu que aquele amor lhe fazia mal, que alimentava uma estranha adrenalina, que era um caminho sem escolha. Deixou-o esticar a corda. "Dá-me lá mais motivos para eu não gostar de ti... Um jogo perverso. Eu queria que ele me desse um motivo forte, que eu pudesse repetir a mim mesma, para vir embora." Hematomas, lesões, insultos, gritos, ameaças, humilhações, uma desvalorização constante - são algumas das situações mais comuns num quadro

de violência doméstica. Conceição Oliveira Neves aponta frases recorrentes: Porque é que estás sempre a chorar? Será que não sabes fazer nada bem? Porque é que causas mau ambiente em casa?

Rosa ouviu o companheiro dizer à sua filha de seis anos: "És uma merda igual à tua mãe." Uma frase destas dói menos do que um murro? A terapeuta chama a atenção para um aspecto gritante: os maus tratos físicos são apenas a ponta do icebergue. São incontáveis os casos de mulheres que continuamente são violentadas, humilhadas, desvalorizadas - sem que lhes levantem a mão. Mulheres que ficam. Outras ficam e são espancadas selvaticamente. Outras ainda sofrem até à morte. O que é que as faz interromper o ciclo? "Muitas vezes são os filhos. Saem quando os maus tratos são em frente aos filhos. Dizem: 'Por mim, até aguentava. Mas não vou sujeitar os meus filhos a isto.'"

Este ano e o ano passado, anormalmente, morreram em Portugal dezenas de mulheres vítimas de violência doméstica. A estatística parece confirmar o ditado "casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão". A situação de crise agudiza muitos destes conflitos, assegura Conceição Oliveira Neves. A tolerância à frustração do agressor, já de si baixa, acusa a vulnerabilidade, a adversidade social. O agressor descarrega sobre o elo mais fraco da cadeia - a mulher que tem à mão.

"Há muito a fazer na área da prevenção primária (junto das famílias, escolas e associações culturais) no sentido da mudança de comportamentos e atitudes e, sobretudo, educando contra a violência", defende Glória Rebelo. "É urgente minorar este drama."

Um drama que se perpetua. Rosa faz terapia desde o início deste ano. "Sabe porquê? Porque sei que potencialmente isto me pode acontecer de novo. Faço terapia para prevenir. Pode pôr o meu nome, Rosa. Não gosto de me exibir, mas gosto menos de me esconder. E não sou eu que tenho de sentir vergonha pelo que passei." ●



O filme *Burning Bed*, com Farrah Fawcett, de 1984, revelava o drama de uma mulher vítima de violência a ponto de incendiar o marido enquanto ele dorme na cama. Na vida real, celebridades vítimas de violência doméstica: Rihanna /Chris Brown, Madonna/Sean Penn, Halle Berry (infância), Tina Turner/Ike Turner, Whitney Houston/Bobby Brown e Kim Basinger/Alec Baldwin.

QUANDO OS MALTRATADOS SÃO ELES

Os dados disponíveis são referentes a 2009: 705 homens pediram ajuda por processos de violência doméstica. Para se ter uma ideia: no mesmo ano, o número de mulheres que pediu ajuda foi de 5857. Se é verdade que quando se pensa em quadros de violência doméstica se pensa na figura da mulher, também é verdade que, por vezes, as vítimas são eles. A APAV considera que o número de queixas pode ser "uma ponta do icebergue". Para partilhar o assunto, os homens têm de superar outro obstáculo: o da vergonha. "É incompreensível para muitas pessoas como é que o homem, que normalmente tem mais força, e muitas vezes detem o poder económico, tolera situações de violência doméstica: mas elas acontecem. Ao apresentar uma queixa, numa esquadra, numa instituição, ele tem de ultrapassar um estereótipo: o do papel de género que socialmente lhe é atribuído."



ID: 34459537

11-03-2011

> *“A violência sobre mulheres não é a única que existe no seio da família”, afirma Carlos Aguiar.*

ASSOCIAÇÃO FAMÍLIAS

BRAGA

SOCIAL

Laços brancos pelas vítimas de violência doméstica

A Faculdade de Ciências Sociais foi palco da acção ‘Laço Branco’. A iniciativa lembrou, mais uma vez, vítimas da violência familiar.

> **josé paulo silva**

Laços brancos contra a violência familiar foram expostos, ontem à tarde, na Faculdade de Ciências Sociais do Centro Regional de Braga da Universidade Católica. A iniciativa do projecto ‘Convergências’ da Associação Famílias, visou dar visibilidade a este problema, enviando, ao mesmo tempo, uma mensagem de apoio às vítimas de violência

no seio familiar.

Carlos Aguiar, presidente da Associação Famílias, destacou o facto de a acção de ‘mobilização’ contra a violência doméstica ter decorrido num estabelecimento de ensino que forma técnicos de serviço social, “preparados para intervenção nesta área”.

Este responsável salientou que “a violência sobre a mulher é grave e deve ser combatida”,



ROSA SANTOS

Laços brancos em redes contra a violência familiar

mas que “não é a única que existe no seio da família”.

Segundo Carlos Aguiar, “há a violência exercida sobre os idosos, doentes, crianças”, ou seja, “a violência familiar é multifacetada”.

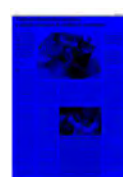
Regina Sequeira, responsável pela área de comunicação do projecto ‘Convergências’, considerou que “apesar de a legislação ter progredido no sentido da

protecção da vítimas, as queixas têm aumentado”.

As GNR e a PSP registaram, no primeiro semestre de 2010, 15 mil queixas por violência, mais 600 do que em igual período de 2009. O projecto da Associação Famílias, que visa a mobilização social pelas vítimas da violência doméstica e do tráfico de seres humanos, prosseguirá com outras acções. Para o mês

de Outubro está agendada uma exposição de arte no Museu D. Diogo de Sousa. Já em Abril, nos dias 4 e 11, a Casa do Professor acolhe a exibição de dois filmes sobre a temática do tráfico de seres humanos.

O acção ‘Lenço Branco’ que ontem decorreu, contou com o apoio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e da Faculdade de Ciências Sociais.



ID: 34576798

01-03-2011

Violência Doméstica continua a atingir centenas de mulheres açorianas

● A violência doméstica continua a ser uma questão que preocupa as diversas entidades regionais. Apesar do número de casos denunciados ter aumentado, o problema ainda persiste na região. Em 1999, as Nações Unidas designaram oficialmente o 25 de Novembro como Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra a Mulher...

Olivéria Santos
oliveria.santos@gmail.com

Nos Açores, em 2008, o conjunto da vitimação relativa à violência física, sexual e psicológica, exercida contra as mulheres, tem uma prevalência de 53,3%. Um número que continua a preocupar as autoridades e as instituições que apoiam estas vítimas. É o caso da UMAR - Associação para a Igualdade e Direitos das Mulheres. De acordo com Maria José Raposo, "muito se tem feito, mas ainda há muito que precisa de ser feito na Região". "As estatísticas não são nada animadoras", confessa esta responsável adiantando que a Umar nota que existe uma maior sensibilidade e abertura a esta temática por isso mesmo revela que não se poderá dizer que nos últimos anos o "número de vítimas tenha aumentado, o que aumentou foi o número de denúncias", adverte.

Os números dão conta de que nos Açores há ainda uma prevalência de cerca de 53% de casos de violência doméstica, um valor que Maria José Raposo alerta para que seja refletido. Também o gabinete, em Ponta Delgada, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem procurado sensibilizar a população para o problema da violência doméstica. Helena Costa, a coordenadora da APAV Açores esclarece que desde 2004, ano em que o Gabinete da APAV de Ponta Delgada foi inaugurado, "aumentamos em bem mais de 100 por cento o nosso público". Um fato que esta responsável considera normal porque justifica, "a APAV não faz só um trabalho de atendimento às vítimas de crime. O gabinete dedica-se também à prevenção ao nível da criminalidade". A APAV tem procurado alertar a população para esta problemática indo às escolas, a centros de saúde, à própria PSP e outras entidades e organismos regionais com o objetivo de alertar e sensibilizar a sociedade. De acordo com Helena Costa, estas ações refletem-se depois no número de pedidos que a APAV recebe. "Uma pessoa que está mais deserta para esta problemática, também mais rapidamente procura apoio na nossa instituição", explica.

Helena Costa comenta que apesar de pensar que existem menos casos de violência doméstica, uma vez que já existem muitas soluções e alternativas, "ainda se verificam situações de crime que acabam em homicídio".

Muitas vezes a questão é colocada, mas nem sempre há resposta. Porque motivo ainda existe violência doméstica? Na opinião do sociólogo, Alberto Peixoto, por detrás da violência doméstica estão sobretudo questões he-



reditárias. "Isto pode chocar um pouco, mas entenda-se aqui a questão hereditária não do ponto de vista genético, mas do ponto de vista do comportamento no processo de socialização", adverte. Alberto Peixoto adianta que "sendo a violência doméstica um fenómeno transversal a todos os grupos sociais, o que os estudos demonstram é que nos grupos com determinadas características sociais e sobretudo com grandes dificuldades em termos de inserção social, nesses grupos existe uma maior prevalência da prática da violência".

Apesar de todos os esforços ainda morrem em Portugal, todos os anos, mulheres vítimas de violência doméstica. Desde 2004 a 2010 morreram em Portugal 247 mulheres vítimas de violência doméstica, sendo que o ano mais tenebroso para os Açores foi o de 2008 em que morreram seis mulheres. Diz Maria José Raposo que "não morreram, foram mortas". Em 2010 também morreu nos Açores uma vítima. Para a responsável da UMAR, enquanto existirem casos de mulheres que morrem desta forma, "tem toda a premência de existir a UMAR".

Nos Açores, são já muitos os organismos a dispor de quem precisa e quer ajuda. Na APAV o apoio estende-se a vários níveis. Sílvia Branco, Gestora do Gabinete de Apoio à Vítima Ponta Delgada, explica que para além do apoio emocional, a APAV presta três tipos de apoio especializado: ao nível do apoio social, jurídico e também psicológico, "sendo certo que em cada área há um técnico licenciado para o efeito", adverte.

Esta responsável aclara que muitas das vezes as vítimas chegam ao gabinete com outras questões para além da violência a que foram sujeitas. É o caso, por exemplo, de assuntos relacionados com o desencadeamento de um processo-crime. O facto de a vítima ter apresentado uma queixa, "apresenta ainda um grande receio para a vítima", assegura Sílvia Branco que esclarece que também a este nível é prestado apoio no gabinete da APAV "de forma a tranquilizar a vítima e fazer com que a mesma reconheça em si as capacidades que tem e que nunca as perdeu e que seja capaz de reconhecer estas mesmas capacidades para dar continui-

dade a um processo-crime ou a um processo de divórcio, relação de responsabilidades parentais, entre outros". Também a UMAR disponibiliza apoio psicológico, uma ferramenta que se torna fundamental na quebra do isolamento das vítimas. A psicóloga Raquel Fontes dá conta que quando uma vítima procura o apoio da UMAR, os técnicos têm por função "prestar apoio emocional, uma vez que estas vítimas encontram-se bastante fragilizadas tanto ao nível emocional como psicológico", assegura.

É também da competência destes téc-

nicos recolher toda a informação com a história da vitimação das vítimas. Um trabalho que Raquel Fontes garante que não é fácil, tomando-se "muito intenso a nível emocional, uma vez que estamos a falar de mulheres com experiências bastante dolorosas", refere acrescentando que quando as vítimas quando chegam à UMAR, estão "desesperadas, verbalizando que já não conseguem lidar com a situação a que estão sujeitas e que querem colocar um ponto final no abuso de que são vítimas".

São essas atitudes que Maria José Ra-



Homens também são vítimas

Apesar da violência doméstica ser mais acentuada nas mulheres, há homens também vítimas deste tipo de violência. Um inquérito sobre Violência de Género na Região Autónoma dos Açores, realizado em 2008, revela que homens com 18 ou mais anos também dizem ter sido vítimas de violência de actos relativos à violência física, psicológica e sexual.

Todavia, o traço mais significativo que diferencia a vitimação dos homens e das mulheres é que se trata de violências de natureza diferente: nas mulheres, ocorre sobretudo a violência com uma configuração de desigualdade de género; nos homens, tal não se passa, e trata-se de uma vitimação igual à que se verifica na população em geral; e quando está associada a papéis de género, é no sentido de o masculino ser reforçado. De facto, os resultados mostram claramente que, à semelhança do que ocorre em outros países e no Continente, os valores obtidos para a região Autónoma dos Açores evidenciam que, enquanto as mulheres são vítimas sobretudo de autores homens (em mais de 75% dos casos), os autores da violência exercida contra os homens são também, maioritariamente homens, em percentagens equivalentes às das mulheres (65,7%) - mesmo na violência psicológica, que o senso comum e algumas ideologias normalmente atribuem às mulheres, são os homens os principais autores (77,1%) nas mulheres vítimas e 59,2% nos homens). Apesar de confirmarmos o que, globalmente se tinha observado no Continente, têm uma expressão numérica menos acentuada. De facto, no Continente, os homens eram vítimas de outros homens em percentagem superior à dos homens que eram autores da violência contra as mulheres.

● A UMAR disponibiliza apoio psicológico, uma ferramenta que se torna fundamental na quebra do isolamento das vítimas.

● A APAV presta três tipos de apoio especializado: ao nível do apoio social, jurídico e também psicológico, "sendo certo que em cada área há um técnico licenciado para o efeito"

poso diz serem cada vez mais importantes, porque como refere "para se ser vítima não se escolhe, mas para se ser ex-vítima tem que se escolher. E enquanto esta mulher não fizer a escolha de que quer ser uma ex-vítima vai uma caminhada muito grande", atesta. No entanto, trata-se de uma caminhada difícil e muitas vezes demorada. Sílvia Branco chama a atenção para o fato de ser um processo que muitas vezes "tem avanços e retrocessos", sendo que o que se pede a um técnico de apoio à vítima é que "seja capaz de acompanhar esta vítima tanto nos seus avanços como nos seus recuos". Esta responsável esclarece que a APAV já teve situações em que só após quatro anos é que a vítima conseguiu dar por encerrado o estado em que se encontrava. Também Maria José Raposo, na UMAR já assistiu a situações de vítimas que acabam por voltar para os agressores. Opções que garante não são para ter a concordância da instituição que dirige, "temos é que aceitar", adverte, lembrando que a escolha é sempre da vítima.

De acordo com esta responsável, "geralmente os agressores são pessoas muito persuasivas, conseguindo cativar aquela companheira para voltar para o lar. As mulheres acabam por regressar à vida conjugal na esperança de que algo vai mudar, mas infelizmente não é isso que acontece. Passado uns anos, elas recorrem novamente às instituições de apoio às mulheres vítimas de violência doméstica, porque as agressões voltaram ao que eram".

A reação mais frequente das mulheres vítimas continua a ser o "ir calando e não fazer nada". Em apenas 12,9% dos casos, as vítimas recorrem à ajuda das instituições.

Sem querer justificar os maus tratos que muitas vezes os homens perpetram sobre as mulheres, Alberto Peixoto, elucida que muitas vezes "o agressor é também vítima, o que o leva a ter a necessidade de se afirmar pelo poder da força contra um ser fisicamente inferior. "Ele, muitas vezes, é vítima noutros contextos em que está inserido. Desde o café que frequenta ou o grupo social de que faz parte. O agressor acaba também, em algumas circunstâncias, por ser alvo de processos de rejeição". Tal situação, faz com que o agressor não tenha o devido reconhecimento dentro desses mesmos grupos, o que o leva a "impôr um poder a outro". Neste caso o agressor impõe-se através da violência contra o seu cônjuge.

FAJÕES > DINAMIZADA PELO AGRUPAMENTO FAJOENSE

Semana do Bullying em várias escolas

Entre os dias 28 de fevereiro e 4 de março, o agrupamento de escolas de Fajões (AEF) dinamizou a Semana do Bullying, com o objetivo de informar, sensibilizar e prevenir para esta realidade cada vez mais presente entre nós e que consiste na agressão física, verbal e psicológica, que é exercida, individualmente ou em grupo, na comunidade educativa e na sociedade em geral.

Organizada pelo Gabinete de Intervenção ao Aluno (GIA) do agrupamento de escolas de Fajões e pelo Grupo PESES (Projeto de Educação para a Saúde e Educação Sexual) e integrada na ação 'Aatreve-te a Mudar' do projecto educativo, esta iniciativa compreendeu várias atividades, dirigidas aos diferentes níveis de ensino e aos pais e encarregados de educação.

Para tal, puderam contar com o apoio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e da divisão municipal de Educação (DME) da Câmara. As sessões de informação



para o 1.º e o 3.º ciclos, e para o secundário foram orientadas pelas técnicas da APAV e tiveram a duração de 30 e 60 minutos, respetivamente. Já as do 2.º ciclo foram orientadas pelos alunos do 11.º ano do Curso Profissional de Técnico de Apoio Psicossocial, a partir do estudo que fizeram e dos materiais deixados pelas técnicas da APAV.

As ações para encarregados de educação, integradas na 'Escolinha para Pais', tiveram lugar na escola básica e secundária de Fajões e na EB1/JI de Macieira de Sarnes, sendo que para a sua realização foi fundamental o apoio das associações de pais. Desta feita, a apresentação do tema esteve a cargo de Rosário Pinho, da DME.

INICIATIVAS

Conselhos para evitar violência no namoro

Leiria. Alunos ouvem os alertas da psicóloga da APAV

Alerta máximo: "Não aceitar o papel de vítima nem aceitar a violência." Este o principal conselho transmitido, ontem, pela psicóloga Helena Sampaio, a 60 alunos que frequentam o 12.º ano da Secundária Afonso Lopes Vieira (Marrazes/Leiria). A assessora da direcção da Associação de Apoio à Vítima (APAV) foi escutada com enorme atenção pela plateia. E incentivou os adolescentes a denunciarem todos os casos de violência doméstica e no namoro. A psicóloga deixou um conselho aos jovens: "Pensem de forma criativa para conseguirem ter relações saudáveis." P.C.



Helena Sampaio pede mais denúncias

Treinador José Bizarro fala da sua experiência

Sertã. Alunos aprendem mais sobre o mundo do futebol

Prolongou-se mais do que o previsto a conversa dos alunos da turma de Técnico de Turismo Ambiental e Rural da Escola Profissional da Sertã ao treinador da equipa de futebol local José Bizarro, responsável pela manutenção, pelo segundo ano consecutivo, da equipa na 2.ª divisão. O treinador falou da experiência na Federação Portuguesa de Futebol e explicou ainda que o sucesso se alcança "com muito trabalho e dedicação". A forma como funciona o mundo do futebol, os patrocínios, as contratações, foram questões colocadas pela plateia. C.D.



Sucesso chega com "muito trabalho"

"Cumprir objectivos só com trabalho"

S. Pedro do Sul. Escritor Afonso Cruz deixou conselhos

"Conseguir cumprir objectivos só com trabalho" foi a mensagem deixada ontem pelo escritor de livros infantis Afonso Cruz aos alunos da Escola Profissional de Carvalhais, em S. Pedro do Sul. Cerca de 120 estudantes lotaram o auditório para ouvir uma conversa em que se falou de viagens, filosofia, livros e religião. Os alunos quiseram conhecer as experiências de viajante de Afonso Cruz, que já andou por mais de meia centena de países. E que deixou mais um conselho: "Ler e gostar, mesmo que não se compreenda a totalidade [da obra]." A.A.



Escritor falou de viagens, filosofia e livros

HOJE

Escola Básica Integrada de Trancoso, Trancoso

Convidado LUÍS FIGUEIREDO, investigador do Instituto Politécnico da Guarda

Escola Profissional Ensigaúda, Guarda

Convidado NÁDIA VEIGA, psicóloga da Associação de Desenvolvimento e Melhoramentos Estrela





ATLETISMO

Correr pela solidariedade em Lisboa

» A 8.ª Corrida de Solidariedade ISCPSI/APAV realiza-se amanhã, em Lisboa, com partida junto do edifício do ISCPSI, na Rua 1.ª de Maio, em Alcântara, e termina junto do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém. A partida é dada às 10.30 e a organização alerta para a mudança para a hora de Verão (adiantamento de uma hora). Esta corrida é organizada juntamente pelo ISCPSI (Instituto Superior de Ciência Policiais e Segurança Interna) e a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). “Esta Corrida de Solidariedade assenta numa parceria de sucesso que só tem sido possível graças ao empenho dos cadetes-alunos e responsáveis do ISCPSI. O sucesso das anteriores edições é notório e tem sido espelhado no sempre crescente número de participantes e apoios. Para além de cumprir os objectivos de aproximação da PSP e do ISCPSI à comunidade e o incentivo dos cidadãos para a prática desportiva, a angariação de fundos para a APAV resulta num importante contributo para a continuação da nossa missão social de apoio à vítima de crime”, referiu Joana Marques Vidal, presidente da APAV. A Câmara Municipal de Lisboa e a Fundação Carlos Lopes apoiam esta iniciativa, assim como outras instituições.



8.ª CORRIDA APAV

Domingo corre-se pela solidariedade

«Correr pela mudança» é o nome da 8.ª corrida do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna e da APAV, que tem lugar domingo. A Corrida de Solidariedade (10 quilómetros) e Marcha das Famílias (3,5 quilómetros) decorrem entre Alcântara e Belém.



Outros

8ª Corrida de Solidariedade ISCP SI / APAV Domingo, 10,30. Início junto ao Edifício do ISCP SI (R. 1.º de Maio, Alcântara).
Informações em: www.corrida-iscpsi-apav.net.
"Correr pela mudança", é sob este lema que o Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima realizam, no próximo domingo, a 8ª edição da Corrida de Solidariedade. Composta por duas vertentes – Corrida de Solidariedade (10 km) e Marcha das Famílias (3,5 km) – a iniciativa proporciona diferentes experiências a todas as pessoas que participem no evento que decorre entre Alcântara e Belem.



8ª Corrida de Solidariedade decorre a 27 de Março

"Correr pela mudança" angaria fundos para a APAV

"Correr pela mudança" é o lema da 8ª Corrida de Solidariedade para o próximo dia 27 de Março, entre Alcântara e Belém, em Lisboa.

Organizada pelo Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança (ISCPSI) e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a corrida é composta por duas vertentes: Corrida de Solidariedade (10 quilómetros) e Marcha das Famílias (3,5 quilómetros).

"Esta Corrida de Solidariedade assenta numa parceria de sucesso que tem sido possível graças ao empenho dos cadetes-alunos e respostas da comunidade."

O sucesso das anteriores edições é notório e tem sido espelhado no sempre crescente número de participantes e apoios. Para além de cumprir os objectivos de aproximação da PSP e do ISCPSI à comunidade e o incentivo dos cidadãos à prática desportiva, a angariação de fundos para a APAV resulta num importante contributo para a continuação da missão social de apoio à vítima de crime", refere Joana Marques Vidal, presidente da APAV.

Além da angariação de fundos para a APAV, a Corrida da Solidariedade tem como objectivo incentivar a população à prática de desporto como forma de combate ao sedentarismo, na conquista de um maior bem-estar e de uma vida mais saudável.

24 de Março de 2011



Comentar

Os comentários ficarão públicos

1

Mais Votados

Mais Antigos

Mais Recentes

Maria Alves

Porque não organizam também uma corrida no Porto?

Votação: 0

Comentário enviado em 2011-03-25 às 12:33:19

0 Respostas Responder

Reportar comentário abusivo

1

Nome *

Mensagem *

Faltam 1000 caracteres



Confirmo que o comentário respeita os [termos de utilização](#)

[Público](#) [Expresso](#) [Blitz](#) [Cozinhar](#) [MySmile Leilões](#) [A Pipoca](#) [C. na Fralda](#) [Stylista](#) [Miau Leilões](#)[Webmail](#)[Página inicial](#) [Facebook](#) [Livro](#) [O CD](#) [Artigos](#) [Imprensa](#) [Plano de Treino](#)

SEXTA-FEIRA, MARÇO 18, 2011

Correr pela Mudança

Pois é, pequenada, ainda não fiz a mini-maratona e já estou a pensar na próxima corrida. Vai ser domingo, dia 27, e a ideia é apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. São dez quilómetros (nãaaaaaaoooooooooooo), num percurso entre Alcântara e Belém. Quem achar que não aguenta tanto (pick me, oh pick me!), tem sempre uma versão mais lighth, a Marcha das Famílias (3,5 kms). A inscrição são 6€ e pode ser feita até dia 25. Podem saber mais [aqui](#). Vamos lá?

Publicada por apipocamaisdoce em 11:35



ME, ME, ME, ME, ME

- [apipocamaisdoce](#)
- [Bruno](#)

EU!

Violência não passa apenas por contacto físico, passa muito por palavras que deixam marcas bem profundas. Se a máxima “quanto mais me bates, mais gosto de ti” faz parte do teu dia a dia, lê com atenção estas páginas, antes que seja tarde...

POR SORAIA ESTEVES

LUA DE MEL

com sabor a fel

Uivemos numa era em que a mulher atingiu níveis de igualdade e de emancipação nunca vistos. Sobretudo no Ocidente, as estatísticas revelam que o sexo feminino predomina nas faculdades, assume cargos de direcção e é digno de prémios de distinção em todas as áreas. Então, se a mulher é inteligente, independente e bem sucedida, por que é que continua a ser vítima de violência?



Segundo as estatísticas da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) de 2009, os crimes de violência doméstica (violência física e psicológica, entre outros) perfizeram um total de 90,3% dos registos. Como é sabido, a maioria das vítimas são mulheres, o que levanta a questão do "poder" exercido pelo homem. Mas se antigamente a mulher vivia sob a dependência económica do marido, hoje em dia trabalha e a questão monetária não parece ser a única condicionante. Nem está cingida a uma cultura ou classe, já que se trata de um fenómeno à escala mundial, transversal a todos os patamares económicos e que atinge desde as mulheres mais humildes às melhor informadas. "As classes socioeconómicas mais desfavorecidas têm mais visibilidade porque acabam por procurar os serviços de apoio gratuito,

88%
*das vítimas
são do sexo
feminino*

de certa forma têm menos a perder. O atendimento telefónico tem um perfil de vítima de classe económico-cultural mais elevada do que o atendimento presencial, as pessoas refugiam-se no telefone. Mas o mais importante é confiarem no trabalho e na experiência da APAV", afirma João Lázaro, presidente executivo da associação.

Ciclo de violência

Existem três fases numa relação violenta. Para que possas detetar os sinais, falámos com a psicóloga Cátia Rodrigues para nos explicar como decorre este ciclo:

FASE DA TENSÃO: É o "jogo psicológico", um período em que as discussões vão aumentando entre o casal através de injúrias, de abusos e de ameaças.

A psicóloga explica:

"É uma espécie de guerra-fria, questões de autoestima e autoimagem ficam abaladas e vulneráveis. Este costuma ser o período mais longo."

FASE DO ATAQUE VIOLENTO:

Agressão, pontapés, bofetadas e violação. Período em que se perde o controlo e em que o agressor recorre à violência para magoar e intimidar a vítima.

A psicóloga explica:

"Corresponde à fase da violência física, normalmente é o período mais curto deste ciclo."

FASE DA LUA DE MEL:

Pedidos de desculpas explícitos ou através de comportamentos e atitudes que indiciem algum arrependimento.

A psicóloga explica:

"Quanto mais violenta e mais prolongada é a relação, mais este ciclo se vai repetindo. Por norma, o período de tensão vai sendo cada vez menor e o período de ataque violento é cada vez mais recorrente. Eventualmente acaba por não existir a fase de lua de mel, a relação passa a ter só períodos de tensão/agressão."

Em
70%
*dos casos
verificam-se
vitimações
continuadas*

A TUA RELAÇÃO É VIOLENTA?

A psicóloga Cátia Rodrigues conta que “de acordo com a nossa experiência, muitas pessoas referem situações de violência no namoro que não são identificadas como tal porque as pessoas interpretam certas atitudes como uma manifestação de amor.”

Se o teu namorado: te dá ordens; não tem em conta os teus gostos e opiniões; é ciumento e possessivo; te controla; te humilha; te pressiona ou intimida... lembra-te: tens todo o direito de fazeres o que queres; de dizeres o que pensas; de escolheres as tuas amizades ou de terminares a relação. Porque mais vale só que mal acompanhada...

Mas se estiveres numa situação de agressão... o melhor é concordares com o que diz o agressor, para evitares mais consequências negativas. “A interação é sempre feita de acordo com as particularidades de cada pessoa. Conforme cada caso, delineamos o que chamamos de ‘plano de segurança pessoal’ e criamos um conjunto de estratégias para que essas pessoas possam manter-se íntegras, tanto a nível emocional como físico”, explica a psicóloga.

O que fazer?

Primeiro procedimento: quebra o silêncio falando com alguém que te possa ajudar a fazer a ponte para a ajuda. Manter-se no silêncio só prolonga a

vitimização. O diretor executivo garante que “a APAV tem consciência de que quem procura ajuda teve de ultrapassar vários obstáculos sociais e pessoais para chegar até a associação. É muito importante que as pessoas sintam que chegaram a um espaço de escuta e que não vai haver juízos de valor. Posteriormente, é essencial um atendimento especializado e personalizado para cada caso.”

Relação saudável

A tua relação deve ser sempre equilibrada – não te deixes anular pelos interesses dele, não submetas a tua liberdade e não percas os teus hábitos e costumes. Os interesses estão postos em causa? Pensa bem... podes estar perante uma situação que vai culminar em violência. Não te afastes dos amigos nem da tua família. Deves ter noção de como era a tua vida antes da relação, se houve adaptação aos dois mundos, se as coisas foram flexibilizadas, se estás feliz... Segundo a psicóloga, “é suposto existir o teu mundo, o mundo dele e o vosso mundo.” Se abdicas do que é essencial é porque algo não está bem. E não te iludas, “a tendência é para que as coisas se agravem e a violência dos atos seja cada vez maior, é tudo uma questão de tempo”, adverte a especialista. Se existem fatores externos que o levaram a ter essa atitude, o mais provável é que isso volte a acontecer. O melhor é evitá-lo.

Foi só uma vez?


“Da primeira ninguém se livra, na terceira só cai quem quer...”, já dizia a voz popular. Mas nem sempre é fácil sair da armadilha da promessa de que foi a última vez e que aquelas palavras ou gestos violentos nunca mais se vão repetir. Na grande maioria dos casos ocorre uma vitimação continuada mas, nos últimos anos, verificou-se uma tendência de diminuição do tempo de vivência numa relação violenta. Segundo o diretor da APAV, “as situações de violência de vários anos, a percepção, a intolerância das vítimas e da sociedade perante a vitimação fazem com que estas mulheres saiam deste ciclo violento cada vez mais cedo e permaneçam menos tempo nestas relações.”

Mas embora a intolerância contra a violência tenha aumentado, estudos efetuados no nosso país revelaram também que há um maior número de registos deste crime. A razão, segundo João Lázaro, não tem necessariamente a ver com um crescimento da violência, mas talvez com o seu conhecimento público: “alguns dados de estudos científicos indicam que a existência real da violência não tem aumentado, mas sim a visibilidade dessa violência. As pessoas têm mais consciência de que são vítimas e existe menos vergonha social para dar o passo em frente.”

Caso real

“[...] Quando voltou, estava alterado. Acordou-me, obrigou-me a dançar com ele – disse-lhe que estava cansada

Dos casos registados, 35,1% correspondem a maus-tratos psíquicos, e 29,2% a maus-tratos físicos



Apenas
36%
dos processos
apurados pela
APAV registaram
denúncias junto
das autoridades
competentes

e precisava de dormir [...] ele deu-me uma bofetada e caí no chão. [...] Não queria acreditar que tivesse feito aquilo! No dia seguinte encontrámo-nos no emprego e ele beijou-me, ajoelhou-se e pediu perdão; disse que tinha sido o álcool a falar por ele... perdoei-lhe e correu tudo bem [...]. Um dia, chegou a casa e eu estava à janela a conversar com a vizinha. Assim que entrou começou a dar-me pontapés e a chamar-me vadia; deu-me murros na cara e fiquei cheia de sangue no nariz e na boca. A seguir sentou-se à mesa e pediu o jantar. Eu fui até à cozinha, estava a lavar a cara para limpar aquele sangue todo e ele veio ter comigo aos berros e a perguntar onde é que estava o jantar. Eu perguntei-lhe se queria aproveitar para fazer cabidela e ele bateu-me tanto que eu quase não consegui mexer-me durante 4 dias."

Maria, 25 anos, Carnaxide

(Testemunho retirado do livro "Sem medo Maria", da autoria da jornalista Fernanda Freitas, Caderno Editora)

Se conheceres alguém que sofre de violência física ou psicológica...

Dá-lhe o teu apoio incondicional, prepara-te para ouvi-la e nem penses em censurá-la. É recomendado que, numa fase posterior, a acompanhes a uma entidade competente e a incentives a falar com um especialista sobre o seu caso. É muito importante que a própria pessoa reconheça que precisa de ajuda e o primeiro passo é assumir-se como vítima. Cátia Rodrigues afirma que "o problema é a pessoa assumir o estatuto de vítima, depois é preciso identificar tudo o que correu mal na relação para não voltar a reincidir em relações violentas. Verifica-se que quanto menor é o tempo entre a rutura e o início de uma nova relação, menor é a capacidade para identificar estes sinais. É preciso criar essa distância temporal que permita refletir sobre o que aconteceu." ■

CURIOSIDADES

As Nações Unidas definiram o dia 25 de Novembro como o Dia Internacional de Eliminação de Violência contra a Mulher.

O primeiro trabalho sobre este tema foi realizado nos primórdios dos anos 70 e só desde então a violência doméstica passou a ser encarada como fenómeno social.

APAV: Tel. 707 200 077.
Para mais informações, ou se estiveres interessada em fazer voluntariado, vai ao site www.apav.pt